

# Serra: nação tem que se mobilizar

ECON. BRASIL

Da Sucursal

O problema do retorno da inflação ao nível de quase dois dígitos ao mês — se for levar em conta o índice oficial — é mais político que econômico. É claro que a questão econômica tem uma natureza técnica com mais importâncias mas o campo político é, hoje, fundamental. Por esse motivo, o economista José Serra, deputado constituinte no dia 15 de novembro e ex-secretário estadual do Planejamento de São Paulo, sugere uma ampla mobilização da Nação envolvendo todos os partidos e sindicatos patronais e de trabalhadores, para enfrentar esse pior mal que retorna à economia brasileira.

"O problema é grave", diz Serra. "O descontrole inflacionário poderá comprometer o processo de desenvolvimento e também a democracia", acrescenta ele. Dentro dessa perspectiva, o economista lembra que o problema da inflação não pode ser exclusivo do Governo ou de apenas um partido — mas uma causa do País. A inflação, segundo ele, poderia ser combatida por instrumentos convencionais da técnica econômica, onde se destacam a recessão e a hiperinflação. No primeiro caso, se trataria de anular as ambições de crescimento econômico, gerando-se desemprego, queda de poder de compra e, por consequência, esfriamento do mercado. No segundo, se deixaria a inflação subir à vontade, até o infinito onde ela se anularia automaticamente.

Os dois remédios, contudo, são muito amargos, fato que leva Serra a defender outra alternativa — que ele não sabe qual poderá ser, pois dependerá de um entendimento de toda a Nação. "O cruzado de fevereiro quase deu certo. E preciso procurar outra fórmula original mas com mobilização da sociedade", diz ele. Para o economista, o envolvimento da sociedade a tornaria co-responsável pelas medidas que fossem adotadas, eliminando-se a postura crítica incômoda numa fase difícil como a atual.

José Serra falou ao CORREIO BRAZILIENSE ontem, em São Paulo, no quarto 703 do hospital Sírio Libanês, onde se encontra internado depois de ter se submetido a uma cirurgia de hérnia na base do estômago. Ele havia retornado na semana passada de uma estada de 20 dias em Israel, país que como o Brasil e a Argentina, implantou há 17 meses um plano de estabilização da economia. Ao contrário, contudo, dos dois países latino-americanos, Israel está sendo bem sucedido na sua reforma.

O economista informou que foi para lá a convite da

Universidade de Israel e representou a Universidade Estadual de Campinas, onde é professor titular. Ele realmente foi analisar a situação e o desempenho do plano israelense, mas, sem nenhuma conotação oficial. Serra contou que a situação daquele país pré ou pós o choque econômico pouca semelhança tem com o Brasil. A começar pela estrutura da sociedade e de sua economia, que é mais homogênea. Lá, diz Serra, a representação da sociedade, seja através dos partidos ou dos sindicatos classistas é mais definida e estruturada. Antes de aplicar o choque há 17 anos, por exemplo, governo, empresários e trabalhadores já tinham tentado acordos de preços e salários em duas ocasiões. "É verdade que não deu certo, mas esses dois ensaios criaram as condições para o sucesso do plano mais abrangente".

Isto permitiu, por exemplo, que ao fazer o congelamento de preços o governo pudesse, simultaneamente, realinhar os preços defasados. Por outro lado, até três meses após o choque o poder real dos salários caiu em 10 por cento, tendo se recuperado a partir de então e hoje estão 10 por cento acima em relação ao nível do momento em que foi feita a reforma econômica. A taxa de câmbio está congelada há 17 meses e a economia não viveu o problema da inflação de demanda. Ou seja, como o poder aquisitivo não cresceu desmesuradamente e como o crescimento da economia nesse período de quase dois anos não ultrapassou 2 por cento do Produto Interno Bruto está sendo possível manter-se esse pequeno aumento sustentado sem problemas de desabastecimento ou pressões inflacionárias provocadas pela falta de mercadorias.

A inflação israelense não é zero. Nos primeiros meses do choque ela ficou no patamar de 2 por cento, caiu em seguida para em torno de 1,5 por cento ao mês e hoje se encontra em torno de 2,5 por cento mensais. Isto também não quer dizer que aquela economia se encontra às mil maravilhas. Há problemas. Um deles é o da queda dos investimentos produtivos. O setor público continua sendo outro problema, embora o déficit das contas do Estado tenha caído de 15 por cento do PIB para cerca de 3 por cento. Essa queda foi possível principalmente através do aumento de impostos e foi ajudada pela contenção da inflação em níveis baixos. O corte de gastos mesmo foi irrisório, informa Serra. Mas a área externa da economia israelense é mais grave que a brasileira. Aquele país importa mais de 40 por cento do PIB.

JAN 1987  
6